



O detetive David Toma reuniu seu talento para disfarces com o respeito pelos semelhantes, sendo considerado «o melhor policial dos Estados Unidos»

UM POLICIAL HUMANO

JOHN REDDY

UM PADRE, usando o hábito tradicional, bateu à porta de uma casa velha, numa rua suja e triste. Uma mulher a abriu, e convidou-o a entrar. Enquanto conversavam, o padre notou uma voz que parecia falar ao telefone, no porão. Alguns dias depois, um homem

de óculos, basta cabeleira e de bigodes bateu à mesma porta. A mulher foi abrir, mas se mostrou muito menos cordial quando o homem disse que era um inspetor sanitário, e que queria examinar seu porão, em busca de ratos. «Não temos ratos no porão», disse ela, fechando-lhe a porta.

No dia seguinte, houve outra batida, e um grupo de policiais, comandados pelo detetive David Toma entrou, e prendeu os três ocupantes da casa. A polícia confiscou o equivalente a mil dólares em dinheiro, cerca de 25 mil dólares em bilhetes de loteria, uma imensa papelada referente a apostas nos cavalos e agiotagem, algumas armas e tantos objetos roubados que precisaram de três carros para levar tudo.

O padre, o inspetor sanitário e o detetive eram uma só pessoa: o imaginoso, efervescente e veterano policial, considerado por seu chefe, o inspetor Irving J. Moore, como «o melhor *tira* dos Estados Unidos».

Bom disfarce. Em seus 17 anos na corporação, David Toma, de 39 anos, já se disfarçou, entre outras coisas, de vendedor de cachorros-quentes, motorista de táxi, *hippie*, médico, drogado e sorveteiro. Com tudo isto, ele atingiu um récorde de 99% de condenações, em mais de sete mil prisões. O mais impressionante de tudo é que ele *nunca* disparou contra ninguém o revólver de calibre 38 que carrega no cinto. Prefere acreditar mais na delicadeza do que na força bruta. «Não gosto de arrombar portas», comenta. «Prefiro entrar disfarçado de alguma coisa. Assim, posso prender uma pessoa antes que ela se desfaça das provas.»

E ele faz tudo isso num dos lugares mais infestados de homicidas e drogados — Newark, Nova Jersey (de 380 mil habitantes) — onde se registra uma das maiores taxas de criminalidade dos Estados Unidos. Newark

ainda hoje fervilha com as tensões raciais e urbanas que entraram em erupção em 1967, quando 23 pessoas foram mortas, e houve um prejuízo de 15 milhões de dólares. Seu último prefeito está preso, por corrupção.

Nesta cidade, assolada pela Máfia, Toma, que é de origem italiana, trabalha sozinho, e é incansável quando está na pista de um suspeito. Certa vez, um «bicheiro», suspeitando de que Toma o estava seguindo, caminhou por mais de 40 quarteirões, tomou três ônibus diferentes e, finalmente, um táxi. Quando se recostou no assento e olhou para o espelhinho retrovisor, notou que o motorista estava sorrindo. Era Toma. O detetive prendeu o homem e, com isso, estourou uma operação de loteria clandestina no valor de dois milhões de dólares. O inspetor Charles Zizza apostou, certa vez, com um colega, em que Toma, num só mês, faria mais prisões de «bicheiros» do que todos os outros 12 homens da corporação. E ganhou.

Toma se orgulha de ter feito o que chama de «prisões qualitativas», que atingiram diretamente o cerne do crime organizado. «Prefiro prender o sujeito que realmente controla a operação», diz. Ele tem uma especial aversão às drogas. «Elas desencadeiam uma autêntica cadeia de crimes.» A pior coisa que já teve de fazer foi prender um de seus próprios sobrinhos, como viciado. «Ele estava deitado na rua, cheio de heroína. Quando tentei levá-lo, começou a se debater e a querer brigar. Chorei quando o levei para a cela.»

Tragédia em primeira-mão.

Como se pode imaginar, Toma já teve o seu quinhão de aborrecimentos. Numa noite de outubro de 1968, estava tomando café num restaurante, com alguns colegas, quando estourou uma briga entre os demais fregueses. Depois de muita luta, os policiais conseguiram acalmar os ânimos, e mandaram os brigões para casa. Quando Toma saiu do restaurante, mais tarde, um dos desordeiros o atacou, fazendo-o rolar pelas escadas. Enquanto ele estava caído, o homem o esfaqueou pelas costas, não atingindo seu coração por poucos centímetros. «Agora vou cortar sua cabeça», gritou o homem, mas foi contido pelos policiais que lhe apontaram um revólver.

Apesar de tais experiências, Toma quase sempre se preocupa pelas pessoas que prendeu, principalmente se se trata de jovens. «Não posso mandar ninguém para a cadeia, e depois sair e esquecê-los», diz ele. «É quando mais precisam de mim.»

O motivo pelo qual Toma se preocupa tanto com os outros é, talvez, porque já experimentou muitas tragédias «em primeira-mão». Certa vez, respondendo a um chamado de emergência, encontrou uma criança negra se asfixiando num monte de carvão. Removeu o carvão, e lhe aplicou respiração boca-a-boca, salvando sua vida. Chamou então uma ambulância, e levou o garoto para o hospital, onde ele foi examinado e liberado. Em seguida, Toma voltou para casa, a fim de jantar com a mulher e filhos. De repente, seu filho David Jr.

começou a ficar sem fôlego. Toma chamou uma ambulância — a mesma que tinha levado o garoto negro para o hospital. Mas o pequeno David, que sofria de agudo edema pulmonar, morreu, enquanto seu angustiado pai nada podia fazer.

Toma começou a tomar tranqüilizantes para aliviar sua dor e, gradualmente, se viciou neles. Quando compreendeu que tinha se viciado, parou imediatamente de tomá-los. Hoje, é incapaz de tomar até uma aspirina, para dor de cabeça ou para seu problema nas costas, adquirido quando uma doente mental, que pesava 135 quilos, o pegou pelas costas e o fez rolar escada abaixo, afetando-lhe os discos vertebrais, o que motivou seu internamento no hospital por seis semanas. Aquela breve experiência com os tranqüilizantes permitiu-lhe compreender os viciados em drogas, e o fez decidir que tentaria, por todas as formas, ajudar as pessoas a escapar do tormento da droga.

Escola de adversidade. Toma também sabe o que é viver na pobreza. Ele é o caçula, entre os 12 filhos de um pobre imigrante italiano que se fixou em Newark. Atlético como poucos, Toma jogou beisebol no ginásio e, como semiprofissional, no Canadá. Depois se alistou nos fuzileiros, onde ministrou educação-física, e foi campeão de meios-pesados. Quando deixou o serviço militar, voltou para Newark, casou-se e se tornou policial.

Toma começou como patrulheiro, na trabalhosa Divisão Central; daí a dois anos, confiaram-lhe um carro

de radiopatrulha. Trabalhando nas piores áreas, experimentou de tudo, desde procurar bebês desaparecidos até inalar fumaça quando tentava salvar um cachorro de um apartamento em chamas. Quando foi promovido a detetive, começou a aperfeiçoar seu processo exclusivo de disfarces.

A princípio, o departamento policial não via com muito bons olhos o trabalho solitário de Toma em diferentes disfarces. No entanto, ele logo se mostrou tão eficiente que decidiram deixá-lo trabalhar à sua maneira. Certa vez, por exemplo, passou seis semanas disfarçado de porteiro, pintor e encanador, para «estourar» uma banca de jogo no valor de 18 milhões de dólares. Quando completou sua vigília, mais de 50 policiais do Estado e da cidade prenderam 14 pessoas em três cidades. As prisões acabaram com o maior anel de jogo clandestino da história de Nova Jersey.

Recentemente, passei pelas ruas de Newark, ao lado de Toma, no seu já batido e velho Plymouth. Com os olhos escuros escondidos atrás dos óculos, ele estava vestido normalmente — camisa aberta, suéter e calças largas. Sua maleta de maquilagem, cheia de barbas, bigodes e perucas; um sortimento de óculos escuros estava ao lado, no assento. Os vários disfarces estavam num saco, no assento traseiro, entre uma pilha de jornais velhos e brinquedos de criança.

«É preciso uma personalidade especial para usar disfarces», comentou, enquanto rodávamos pelas ruas.

«A menor autoconsciência pode pôr tudo a perder. A gente tem que entrar psicologicamente na pele do personagem, como um ator num palco. Quando me disfarço como um viciado em busca de uma dose de entorpecente, eu me obrigo a pensar que quero aquela dose, que anseio por ela. Então, quando o traficante me vem vendê-la, *pimba!*, eu o prendo.»

Toma foi reconhecido e cumprimentado por muitas pessoas, enquanto rodávamos. Devido a uma série de televisão, baseada em suas operações, seus colegas o saúdam como «o astro» ou «o ator», mas aparentemente é só brincadeira. «Tenho de agüentar uma série de piadas a respeito de meu trabalho, mas acho que vale a pena», diz. «Os filmes e as entrevistas na televisão também me ajudam, quando falo nas escolas e igrejas sobre o abuso de drogas.»

A maior parte de sua «platéia» é de negros, pois Toma parece se dar extremamente bem com eles — os quais perfazem 70% da população de Newark. Ele foi o primeiro patrulheiro de Newark a exigir (e obter) um colega negro para trabalhar ao seu lado. Sensíveis à brutalidade policial, os negros de Newark sabem que Toma nunca disparou sua arma contra ninguém. «Quando as coisas iam mal, nos motins de 1967, houve ocasiões em que quase atirei em alguém para me defender», conta. Estávamos sob fogo cerrado, e alguém me atingiu no rosto com uma pedra. Mas fico feliz por nunca ter puxado o gatilho. Homens que eu poderia ter matado são hoje meus bons amigos.»